

## Vivências e Experiências

### Uma reflexão sobre o projeto Nuvem nas Escolas

Luana Fonseca<sup>1</sup>

#### PARA INICIAR O DEBATE

A ideia deste artigo nasceu da experiência de idealizar e vivenciar o projeto Nuvem nas Escolas, esse projeto foi e é construído coletivamente por estudantes do Coletivo Nuvem Negra da PUC-Rio<sup>2</sup>. O projeto Nuvem nas Escolas visa atravessar os muros da universidade e adentrar nas escolas públicas e particulares do Estado do Rio de Janeiro e trocar saberes afro-brasileiros e africanos, resgatar o afeto e a ancestralidade, construir a identidade negra positiva, dar a possibilidade de voz e potencializar as experiências através da contação de histórias e teatro para a Educação Infantil, rodas de conversa e oficinas para o Ensino Fundamental e Médio.

O projeto Nuvem nas Escolas teve início no segundo semestre do ano 2016 e trabalha com a interdisciplinaridade de ser composto por estudantes universitárias/os negras/os das mais diversas áreas de estudo, o que abrange as mais diferentes experiências de trajetórias e interesses e faz com que essa rede de aprendizagens e trocas seja realmente plural.

Desde o início do projeto, realizamos debates sobre os mais variados temas, como genocídio do povo negro a estrutura carcerária brasileira, movimento negro e a sua história, movimento negro e movimento LGBTQI+, saúde mental da população negra, identidade e representatividade, *escrevivências*<sup>3</sup>, religiões de matriz africana e manifestações culturais, branquitude e contação de histórias com contos afro-brasileiros e africanos, para aprimorar esses

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais pela PUC-Rio, Mestranda em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, integrante do Coletivo Nuvem Negra e Arte-Educadora.

<sup>2</sup> Coletivo Nuvem Negra é uma potência autônoma de alunas/os e ex-alunas/os negras/o da PUC-Rio que reconhecem em si a necessidade de articulação comum. Compartilhamos resistência, o afeto e o fortalecimento negro dentro e fora da universidade.

<sup>3</sup> Conceito cunhado pela escritora brasileira Conceição Evaristo.

debates, temos como o apoio o Jornal Nuvem Negra<sup>4</sup>. E como a nossa ideia perpassa no fortalecimento das nossas redes, também criamos algumas parcerias com outros coletivos negros e LGBTQI+, como o África em Nós e o Coletivo Madame Satã da PUC-Rio.

No decorrer da construção deste projeto, um dos nossos objetivos principais é garantir que a Lei 10.639/2003; que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileiras, africanas e indígenas não fossem aplicadas apenas no mês da Consciência Negra. A Lei determina que o conteúdo seja ministrado em todo o currículo escolar no decorrer do ano letivo das escolas públicas e particulares.<sup>5</sup> Compreendendo que o diálogo é um caminho importante para tecer um ambiente escolar mais ativo e acolhedor, o projeto Nuvem nas Escolas visa também fortalecer nas conversas com o corpo docente e discente a história e o significado da Lei 10.639/03 para o Movimento Negro e o resgate do conhecimento ancestral negro-africano.

Para demarcar a importância dessa Lei para a educação brasileira, considero importante trazer o pensamento da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade que escreve sobre os *Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros* e apresenta uma metodologia que permite uma prática pedagógica reflexiva e principalmente antirracista. Esta metodologia apresenta três pilares: Modos de Sentir — Acolhimento/diálogo; Modos de Interagir — Práxis; Modos de Ver — Valores civilizatórios afro-brasileiros. A pesquisadora também destaca a importância dos saberes afro-brasileiros circunscritos no axé-energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade e cooperatividade.

O trabalho de Azoilda Loretto da Trindade apresenta para estudantes negras e negros de todos os segmentos a importância de referenciar quem abriu caminhos para a gente continuar falando e resgatando a nossa história, subjetividade e identidade negra. Outro pesquisador negro que contribui para a estruturação do projeto e a reflexão do cotidiano escolar é o filósofo Renato Nogueira, em seu artigo *Entre a linha e a roda: Infância e educação das relações étnico-raciais*, o pesquisador aponta para a oportunidade que a Lei 10.639/03 propicia para

---

<sup>4</sup> O Jornal Nuvem Negra surge da necessidade de visibilizar a produção intelectual, as reflexões, a epistemologia e os saberes negros. O Jornal Fo lançado no dia 14 de setembro de 2015 e já conta com três edições impressa e online.

<sup>5</sup> Com a inclusão do artigo 26-A, decorrente da Lei nº 10.639/03, fica especificado que: 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras.

pensarmos/fazermos outra escola, o que pesquisador nomeia genericamente de *escola-quilombo* e *escola-aldeia*<sup>6</sup>, que compreende o aprendizado como um exercício no cotidiano.

Para se pensar em uma pedagogia antirracista e descolonizada é necessário resgatar e fortalecer esses valores, compreender as interligações dos saberes afro-brasileiros, africanos e dos povos indígenas, o projeto Nuvem nas Escolas nasce dessa necessidade e de sermos corpos negros protagonistas da nossa história.

## EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA

A reflexão sobre experiência e vivência surgiu quando uma professora ficou surpresa em ouvir a voz de uma aluna negra que quase nunca havia falado em sala de aula. Eu estava contando sobre a minha trajetória escolar e universitária e o processo de me descobrir negra. A aluna no meio do meu relato levantou a mão e me perguntou com a voz meio embargada, *“professora, eu estava aqui pensando... eu também passei por isso tudo que você está falando e eu tenho a mesma cor que a sua, mas eu sou morena, né? Ou... professora, eu sou negra?”*.

Nesse momento eu logo lembrei da frase da intelectual negra Lélia Gonzales, *“a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista”* e um sorriso saiu do meu rosto ao reparar mais de trinta rostinhos com os olhos vidrados esperando a minha resposta. Eu estava ali na frente, falando que nós somos bonitos, que a nossa história é bonita, que os nossos traços e cabelos são bonitos e quando eu dei a resposta que *“sim, você é negra!”* e não só ela como outros abriram um sorriso meio sem graça e confuso, um sorriso que dava início ao processo da construção da identidade negra.

A escola, entendida como espaço fundamental no processo de humanização, é palco importante da construção de identidades e de todos os conflitos implicados nesse processo. O antropólogo Kabelenge Munanga afirma que *“a recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais,*

---

<sup>6</sup> Ver nota de rodapé, – Nogueira, Renato - *Entre a linha e a roda: Infância e educação das relações étnico-raciais*, p.401 – vol.1, n.15 (2017).

intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os outros aspectos da identidade”. (Munanga, 2012, p.19)

Dois pontos precisam ser destacados no relato tanto da professora como o da aluna, o primeiro ponto é o “não falar” da aluna, o silêncio que essa e que provavelmente outros estudantes negros vivenciam na escola. O segundo ponto, é o trabalho escasso sobre o significado social do corpo negro e as suas características no ambiente escolar. O corpo deve ser encarado aqui algo em permanente construção. O ambiente escolar muitas vezes reforça padrões estéticos dominantes e, conseqüentemente, dificulta o reconhecimento e traduções desse corpo em construção de identidades.

Para pensar esses dois pontos, busquei referências em duas teóricas negras: Grada Kilomba e Bell Hooks. Grada Kilomba, trabalha com temas como raça, gênero e memória e desenvolveu um conceito que sublinha um pouco da discussão que vem sendo colocada aqui, esse conceito é a *descolonização do conhecimento*. Grada Kilomba trabalha esse conceito na perspectiva da vivência acadêmica como teórica negra, mas é concebível transpor e circular esse conceito na experiência escolar. Em seu artigo, *Quem Pode Falar?*<sup>7</sup> (2016) Kilomba escreve “Quando eu escrevo, eu descolonizo a academia, transformo as configurações de conhecimento e poder. Cada sentença e cada palavra abre um novo espaço para discursos alternativos e políticas do conhecimento. Isso é a descolonização do conhecimento.”

Quando um coletivo negro universitário entra em escolas e fala sobre os mais variados temas que correspondem às nossas vivências, estamos junto descolonizando esse espaço e criando possibilidades de voz e escuta para quem sempre foi silenciado. Sabemos que a escola tem por sua base o controle de corpos, subjetividades, identidades e todo esse controle é circunscrito no poder e na autoridade dos brancos. Portanto, a escola insere corpos negros em construção da identidade sempre “fora do lugar” e quando esse corpo constrói um lugar de pertencimento é a quebra dessa estrutura autoritária e racista que está arraigado nas instituições. É uma forma de descolonizar esse espaço.

---

<sup>7</sup> Tradução feita por Anne Caroline Quiangala – tradução livre do texto publicado originalmente em inglês na página oficial da autora. (Excerto do livro: “Plantation Memories”.)

Bell Hooks, no livro *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*, escreve sobre a teoria ser um lugar de cura. Ou seja, que quando a experiência e vivência estão relacionadas ao processo de recuperação da identidade, entendimento do coletivo, a busca por um entendimento da experiência, esse é um processo de cura.

Hooks também pontua sobre a *autoridade da experiência*, que vem para fortalecer e negociar a experiência com o conhecimento, a pesquisadora pontua “as estratégias pedagógicas podem determinar a medida com que todos os alunos aprendem a se envolver de modo mais pleno com ideias e questões que parecem não ter relação direta com sua experiência.”.

Pensando que a posituação da experiência está presente nas narrativas dos integrantes do Coletivo Nuvem Negra é importante perpetuar o valor da experiência como base para a construção da representatividade e identidade negra na prática pedagógica, Hooks ainda afirma que:

Todos os alunos, não somente os grupos marginalizados parecem mais dispostos a participar energeticamente das discussões em sala quando percebem que elas têm relações diretas com eles (se os alunos não brancos só falam na sala quando se sentem ligados ao tema pela experiência, esse comportamento não é aberrante). Os alunos, mesmo tendentes a falar com confiança quando se relaciona diretamente com a sua experiência. Devemos lembrar de novo que existem alunos que não sentem a necessidade de reconhecer que sua participação entusiástica é deflagrada pela ligação da discussão com a sua experiência pessoal. (Hooks, 2017, p.118)

A partir dessa reflexão, Hooks alimenta a importância da *paixão pela experiência* e de como a experiência está relacionada com o resgate da memória e da lembrança. Esse resgate da memória relacionado com a construção da identidade negra é positivo por valorizar o nosso conhecimento ancestral e a nossa história oral. A memória falada, a consciência da relação de corpo e mente é rica para a prática pedagógica e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor.

Quando uso a expressão “paixão da experiência”, ela engloba muitos sentimentos, mas particularmente o sofrimento, pois existe um

conhecimento particular que vem do sofrimento. É um modo de conhecer que muitas vezes se expressa por meio do corpo, o que ele conhece, o que foi profundamente inscrito nele pela experiência. Essa complexidade da experiência dificilmente poderá ser declarada e definida a distância. É uma posição privilegiada, embora não seja a única, muitas vezes, a mais importante a partir do qual o conhecimento é possível. (Hooks, 2017, p. 124)

Nesse mesmo livro, Hooks reflete também sobre *a construção de uma comunidade pedagógica* e a valorização da prática do diálogo com um meio de cruzar fronteiras pela raça, gênero, classe e etc. A construção dessa comunidade pedagógica vai de encontro com o que o projeto Nuvem nas Escolas tem como base, que é a presença do diálogo e a busca por uma escuta qualificada do que os estudantes estão reportando, a descentralização da autoridade e reflexão sobre as relações de poder.

A educação brasileira precisa se engajar no diálogo do afeto, da observação, da escuta, do círculo, das narrativas e do respeito, todos esses saberes estão na estruturação do conhecimento afro-brasileiro, africano e indígena. O projeto Nuvem nas Escolas nasceu não para “outro” e sim para um coletivo que se chama sociedade. As experiências e vivências que compartilhamos na escola são primordiais para repensarmos cotidianamente as nossas práticas e consciências do mundo em que vivemos.

Pertencer a um lugar é significativo para ser afetado e deixar se afetar por tudo o que está ao seu redor, esse é o ciclo mais simples do conhecimento. Chegar às escolas e observar olhares medrosos, angustiados, entediados causa inquietude em todos. E quando de algum modo à gente afeta e deixa ser afetado, construímos um espaço de liberdade para conhecer, ser e sentir. A escola deve ser esse espaço cotidianamente. Ensinar, aprender, conhecer é uma aventura. Não podemos mais descartar qualquer fala, qualquer movimento com o corpo, olhar, relações, interações. A prática pedagógica precisa tirar todo esse gesso que a envolve e deixar se afetar pela o aqui e agora.

O projeto Nuvem nas Escolas procura esse afeto, essa liberdade em suas práticas. Procura abraçar, olhar, responder com firmeza após ouvir a frase *“agora, Zumbi é o meu herói!”*, dito por uma criança de quatro anos ou *“professora, eu sou negra?”*, *“eu não sabia que os meus antepassados tinham tantas histórias!”*, *“por que nos livros de história só lemos sobre os negros*

*associados a escravos?”*, “*como a gente luta junto com vocês?”* e assim por diante! Esse artigo também é um espaço para que cada um que leia reflita em como construir coletivos, quebrar as estruturas e limites estabelecidos, sair do meio universitário e trocar com as crianças e adolescentes e desconstruir a relação de poder estabelecida entre professores e estudantes.

Para concluir, no livro *Educar para a paz em tempos de injustiças e violência* organizado por Pe. José Beozzo e Cecília Bernardete Franco, o capítulo 11, o cientista social Lucas de Deus escreve “acreditamos que educar para a paz em tempos de injustiças e violência implica em buscarmos descolonizar, desconstruir nossos corações e mentes rumo a concepções epistemológicas e cosmológicas contra-hegemônicas, não ocidentais.” (2016, p.201). Ou seja, precisamos caminhar em coletividade, com respeito às subjetividades e com ânsia de conhecimento.

### **Referências bibliográficas**

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

Curso de verão: ano XXX: educar para a paz em tempos de injustiça e violência / José Oscar Beozzo e Cecília Bernardete Franco, (orgs.). São Paulo: Paulus, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão]. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

KILOMBA, Grada. **Quem pode falar?** 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html>.

Acesso em: 10/Jan./2018.

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NOGUERA, Renato. **Entre a Linha e a Roda: Infância e Educação das Relações Etnico-Raciais**. Revista Magistro, vol.1, n.15, 2017.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil.** Ministério da Educação, 2005.

### **Resumo**

O presente artigo visa refletir sobre o projeto Nuvem nas Escolas, criado e idealizado pelo Coletivo Nuvem Negra da PUC-Rio. A principal ideia do artigo é pontuar a importância da experiência e vivência na construção da identidade negra, valorização da memória e o resgate da ancestralidade para estudantes das escolas públicas e privadas do Estado no Rio de Janeiro. O Projeto Nuvem nas Escolas tem como intuito buscar a troca de saberes afro-brasileiros e africanos e garantir a Lei 10.639/03 e a partir disso potencializar as experiências e vivências e propiciar um ambiente escolar com práticas pedagógicas mais acolhedoras, descolonizadas, proporcionando assim um fortalecimento na luta antirracista.

**Palavras-chave:** educação; experiência; prática pedagógica; vivência; identidade negra;